

CADERNOS ACADÊMICOS INTERNACIONAIS

Veresk

Вереск

РЕПОЗИТОРИЈ БИОУ



VERESK - Estudos sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski

O veresk sobrevive no solo mais infértil e prepara este solo para as plantas mais exigentes.

Veresk é uma publicação internacional de Psicologia que se propõe a divulgar trabalhos que examinam e aprofundam o estudo do legado da teoria de Lev Semionovitch Vigotski. Os autores são especialmente convidados a apresentarem seus textos pelos Editores Associados ou pelo Conselho Editorial.

Veresk é apresentada tanto no formato impresso, quanto no eletrônico <http://www.repositorio.uniceub.br/handle/235/11339>, nas versões em russo e português. Sua publicação é apoiada pelo Fundo L. S. Vigotski (Rússia), pela Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (Brasil) e pela Faculdade de Ciências da Saúde, do Centro Universitário de Brasília (Brasil).

Editores Associados

Elena E. Kravtsova – Fundo L. S. Vigotski e Sociedade Russa de Psicologia (Rússia)

Guenadi Kravtsov – Fundo L. S. Vigotski e Sociedade Russa de Psicologia (Rússia)

Oleg Kravtsov - Fundo L. S. Vigotski e Sociedade Russa de Psicologia (Rússia)

Zoia Ribeiro Prestes – Universidade Federal Fluminense (Brasil)

Elizabeth Tunes – Centro Universitário de Brasília/Universidade de Brasília (Brasil)

Serguei Jerebtsov – Instituto de Psicologia da Universidade Estatal de Pedagogia da Bielorus M. Tank (Belorus)

Conselho Editorial

Ingrid Lilian Fuhr Raad - Centro Universitário de Brasília (Brasil)

Jader Janer Moreira Lopes – Universidade Federal Fluminense e Universidade Federal de Juiz de Fora (Brasil)

Natalia Gajdamaschko - Simon Fraser University (Canadá)

Simone Roballo – Centro Universitário de Brasília (Brasil)

Tradução e revisão

Zoia Ribeiro Prestes

Elizabeth Tunes

George Yurevitch Ribeiro

Daria Prestes

Editoração eletrônica

AR Design

Capa

Tito Júnior

Correspondência

A correspondência deve ser enviada para o seguinte endereço eletrônico: presteszoi@hotmail.com

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e as opiniões, julgamentos e ideias neles contidos não expressam, necessariamente, as posições dos Editores Associados. As normas técnicas de apresentação dos textos são de livre escolha e responsabilidade de cada autor, a quem devem ser encaminhadas quaisquer dúvidas e comentários a esse respeito.

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que indicada a fonte.

A publicação deste número foi subvencionada pelo Centro Universitário de Brasília – UniCEUB – Brasil.

Ficha catalográfica

VERESK – CADERNOS ACADÊMICOS INTERNACIONAIS

Estudos sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski – Brasília:

UniCEUB, 2017.

176p. – (v. 3)

ISBN 978-85-61990-65-7

1. L. S. Vigotski. II. Título.

CDU:301.151

EDITORIAL	5
AS RESENHAS TEATRAIS DE L. S. VIGOTSKI COMO INÍCIO DA CONCEPÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL	7
<i>Vladimir Sobkin – Academia Russa de Educação (Rússia)</i>	
A CONCEPÇÃO DE VIVÊNCIA EM L. S. VIGOTSKI: DO CONHECIMENTO CONJUNTO À SUPERAÇÃO DA SOLIDÃO	35
<i>L. A. Pergamenschik – Instituto de Psicologia da Universidade Estatal de Pedagogia da Bielorus M. Tank (Belorus)</i>	
A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E OS PROBLEMAS PSICOSSOMÁTICOS DA PERSONALIDADE: ESTUDO SOBRE O DOMÍNIO DE SI MESMO	47
<i>S. N. Jerebtsov – Instituto de Psicologia da Universidade Estatal de Pedagogia da Bielorus M. Tank (Belorus)</i>	
A PEDOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL DE VIGOTSKI: UM PROJETO REVOLUCIONÁRIO?	63
<i>Zoia Prestes - Universidade Federal Fluminense (Brasil)</i>	
A DEFECTOLOGIA DE VIGOTSKI - UMA CONTRIBUIÇÃO INÉDITA E REVOLUCIONÁRIA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO E DA PSICOLOGIA	75
<i>Elizabeth Tunes - Centro Universitário de Brasília e Universidade de Brasília (Brasil)</i>	

A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E OS PROBLEMAS PSICOSSOMÁTICOS DA PERSONALIDADE: ESTUDO SOBRE O DOMÍNIO DE SI MESMO

S. N. Jerebtsov

*Instituto de Psicologia da Universidade Estatal
de Pedagogia da Bielorus M. Tank (Belorus)*

Todo grande cientista é um grande sonhador. L. S. Vigotski também sonhava. Em suas obras, criou uma imagem do ser humano que encarnasse esse sonho. Seria um ser humano em desenvolvimento e que, nesse processo, se tornaria livre. Em suas anotações, escreveu: “Um quadro grandioso do desenvolvimento da personalidade é o caminho para a liberdade” [1, p. 22]. Aliás, é à psicologia que, segundo o pensador, pertence um papel peculiar para o desenvolvimento do ser humano como um ser livre. Nas linhas finais de seu trabalho *O sentido histórico da crise na psicologia* ressalta-se: “O salto do reino da necessidade para o reino da liberdade’, inevitavelmente, colocará na ordem do dia a questão do domínio do nosso próprio ser, da submissão a si. (...) Na sociedade do futuro, a psicologia realmente será a ciência do novo homem” [2, p. 435].

O novo homem é um homem livre, que conhece a si e que, com base em conhecimentos, domina a si mesmo. Consequentemente, sua liberdade se manifestará na capacidade de ser saudável.

A compreensão correta da gênese da personalidade, de sua consciência e do papel da educação nesse processo tem um significado colossal não apenas para a criação de um meio que a desenvolva, como também para uma influência pedagógica que lhe seja saudável.

O objetivo deste artigo é apresentar e concretizar postulados da psicologia histórico-cultural que têm um significado importante para o estabelecimento de uma instrução saudável, assim como a atualização da ideia de acordo com a qual a instrução, o desenvolvimento, a liberdade e a saúde não estão simplesmente interligadas, mas são essencialmente fenômenos unidos num só plano.

Na ciência contemporânea, ora são utilizadas, preferencialmente, bases positivistas, ora metafísicas para a resolução do problema psicossomático, o que conduz a conclusões equivocadas quanto às estratégias e táticas adotadas para a profilaxia de processos psicossomáticos de adoecimento. Uma estratégia eficiente, que realiza uma terceira via, é vislumbrada pela psicologia histórico-cultural de L. S. Vigotski e sua escola científica. Ela encarna uma solução não clássica do problema psicofísico e psicofisiológico. A psicologia histórico-cultural, com apoio na ideia de desenvolvimento dialético, forma um contexto amplo de interpretação científica do problema psicossomático. E mais, a teoria histórico-cultural não é apenas uma escola psicofilosófica, mas também uma teoria que elabora procedimentos aplicados e práticos para o trabalho educativo, de desenvolvimento e psicoterapêutico. Segundo L. S. Vigotski, é exatamente a unidade na utilização de princípios da filosofia e da prática que se apresenta como a pedra que se tornou angular e que os construtores rejeitaram na ciência psicológica. O profundo entendimento da gênese e da ontologia do psíquico é necessário para um trabalho prático eficiente.

Na compreensão da vida psicológica, o dualismo e a separação cartesiana entre mente e corpo colaboraram, predominantemente, para o estado contemporâneo do ser humano que é solitário, perdido, isolado e doente. Ao criticar a total separação entre consciência e vida na filosofia de Descartes, L. S. Vigotski escreveu que para ele "...a vida revela-se completamente sem sentido, as paixões são absolutamente sem vida" [3, p. 267]. Essa solução da questão teórica a respeito da unidade alma e corpo, em princípio, tem uma relação direta com a possibilidade de cada um de nós estar vivo e saudável. Esse dilema, formulado ainda por W. McDougall, no início do século XX, sobre o desenvolvimento da psicologia, soa muito simples: ser humano ou autômato.

É exatamente na tradição teórica da psicologia histórico-cultural que foram operacionalizados os conceitos e formuladas ideias fundamentais para colaborar com o ser humano no domínio de si mesmo, com sua capacidade de vivenciar os acontecimentos de sua vida de forma que essa vivência não destrua a própria vida. Basta notar que a teoria histórico-cultural definiu significativamente a elaboração da psicologia médica, da assistência psicológica e da psicoterapia como tipos de atividades que colaboram com o ser humano por meio

do diálogo e de neoformações pessoais de procedimentos psicológicos para a resolução de problemas da vida.

Do ponto de vista da teoria histórico-cultural, o ser humano se desenvolve porque é movido pelo afeto (em L. S. Vigotski, afeto não é apenas uma explosão emocional, mas uma tendência emotivo-motivacional completa). Caso o ser humano registre (signifique) de alguma forma essa tendência, esse afeto (um adesivo no espelho, um pontinho na mão, um dos itens numa lista de afazeres para o dia seguinte), assim como um índio que faz um nó para se lembrar, ele concentra nesse signo muitos de seus fenômenos psicológicos relacionados à realização do afeto. Além disso, ele pode observar à distância (da posição do signo) esses fenômenos que se tornam localizados, limitados, conscientes e dirigíveis. Na tentativa de realizar alguma operação com a ajuda desse signo - a qual sem ele seria impossível - o ser humano desenvolve uma neoformação, um sistema psicológico, um órgão psicológico funcional.

Porém, há diversos meios de significação, de generalização, de limitação. Há diferentes sistemas de significados que se desenvolvem também na cultura, na trajetória de vida de uma determinada personalidade. Além disso, o ser humano opera com muitos sistemas de significados com os quais constrói diferentes realidades semânticas. Ele é capaz de ocupar uma posição “a respeito de” qualquer sistema semiótico. Em nossa opinião, nisso consiste também a essência psicológica da subjetividade da personalidade: na capacidade de observar um sistema de significados (e também o sistema semântico ligado a ele) da posição de outro sistema de significados. Nisso consiste a essência do tratamento dado por L. S. Vigotski à consciência como um sistema semântico dinâmico.

O caráter da realidade semântica, das vivências do ser humano e de seu autocontrole depende dos sistemas de significados culturais específicos, que estão na base do sentido atribuído ao mundo e a si. O grau de generalização do signo, a capacidade de o signo ser conceito reflete o grau de liberdade do ser humano em relação à situação presenciada (particular, visível). Diferentes sistemas semânticos possuem diferentes graus de inibição ou de saúde em relação aos sistemas biológicos. Ou, dito de forma mais simples, o ser humano pode libertar ou oprimir as forças naturais com os meios culturais. A vida de qualquer sistema biológico mostra-se dependente do sistema semântico, do contexto que define a doença ou a saúde. A neoformação, como resultado da instrução, é geradora de

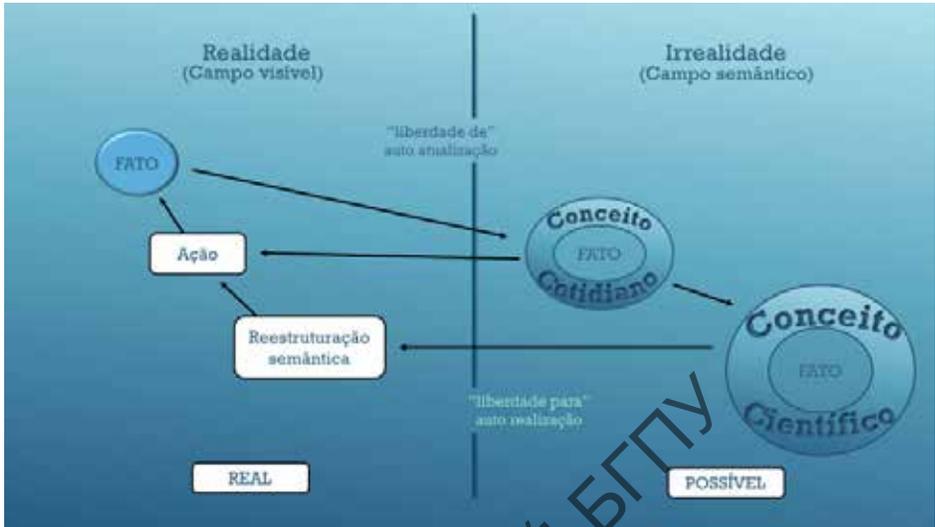
neurose ou de saúde, dependendo do sistema semântico em que se encontra ou de como ela é utilizada pela personalidade.

Entretanto, o signo para si é, originalmente, signo como meio de influência sobre o outro. No signo está concentrado não apenas o conteúdo individual e pessoal, mas também o tipicamente social, que é compartilhado por um grupo de pessoas. O signo é comunicativo e autocomunicativo. É um meio de relação, de generalização, de reflexão e vivências. A representação generalizada da realidade é um plano da consciência, um plano do irreal. A consciência não reflete simplesmente a realidade, mas a conceituação desta para a revelação de possibilidades de uma existência mais completa. Em nossa interpretação, a vivência apresenta-se como um processo de correlação entre o real e o irreal, verdadeiro e possível, quando o afeto é significado e torna-se compreensível, quando se define o objeto e as condições de satisfação. Realmente, numa personalidade que detém os instrumentos culturais, certas emoções e reações, ao serem significadas, transformam-se em vivência – “unidade afeto e intelecto”.

Em princípio, não é importante a orientação temática do sistema de significados (por exemplo, a esfera científica, a esfera profissional da atividade), mas o seu papel generalizador, a capacidade de o signo tornar-se conceito. Qualquer conceito é um órgão de tomada de consciência, de desvio de peculiaridades, de limitação e hierarquização da fenomenologia interna do ser humano. Por isso, qualquer conceito é um órgão de domínio de si e de emancipação da situação vivenciada, incluindo a emancipação da situação interna do organismo, até de liberdade em relação às necessidades da vida (o homem que vai para a fogueira por uma ideia). O conceito é um órgão psicológico da liberdade.

No entanto, liberdade não é simplesmente independência de algo. A independência é o lado negativo da liberdade (“liberdade de”). Assim, na psicologia discutem-se problemas como adaptação, controle do stress, estratégias de defesa. O sentido positivo da liberdade (“liberdade para”) consiste na possibilidade consciente de realizar um afeto, algo significativo. Um dos aforismos maravilhosos de L. S. Vigotski soa assim: liberdade é afeto no conceito. Assim, estuda-se na psicologia a autorrealização e a vida com sentido, a liberdade e a criação. São essas categorias que definem a existência saudável, não apenas a somática como também a psicológica, a espiritual.

Esquemáticamente, essa sequência de ideias da psicologia histórico-cultural pode ser representada com o seguinte diagrama:



L. S. Vigotski descreve a situação em que, nos animais e nas crianças bem pequenas, a percepção determina imediatamente o ato motor, ou seja, o campo da percepção dirige a ação; a percepção está relacionada à ação imediata. Temos uma situação completamente diferente quando entre a percepção e a ação há um signo, a palavra, principalmente, um conceito científico. É interessante que distúrbios da fala, até mesmo num adulto (em afasias), levam novamente a essa dependência em relação ao campo visual. “Livre da fala que a faria livre da situação visual e permitiria planejar uma sequência organizada de ações, a pessoa com afasia mostra--se cem vezes mais escravizada pela situação imediata do que uma criança que já domina a fala” [4, p. 26]. No distúrbio da consciência em que o sujeito isola-se de si mesmo, a dinâmica interna única se decompõe em processos isolados que se subordinam apenas ao comportamento instintivo e aos reflexos na situação percebida; a pessoa transforma-se num organismo que reage.

Se todos os demais seres vivos adoecerem por razões orgânicas ou advindas do meio, ainda assim resta à pessoa a *relação* com a sua vida, com o seu corpo, com o que está em torno. E essa *relação* é fundamental. Ela liberta, multiplica as forças do organismo ou as escraviza, levando a doenças e até mesmo à morte. A própria relação é possível graças ao sistema semântico da personalidade, gerada pelos signos, símbolos, pelas palavras e pelos conceitos.

O campo semântico diferencia-se do visual pela dimensão temporal, pois a pessoa pode dispor dos significados não apenas no espaço, como também no tempo. As palavras e os conceitos, ao formarem o mundo interno, o mundo de possibilidades, penetram nos processos naturais, reconstruindo-os. A pessoa domina a si mesma; seu comportamento e sua vivência subordinam-se à vontade. L. S. Vigotski explica: “As investigações em que nos apoiamos explicam-nos o que exatamente falta à ação do macaco para que se torne volitiva: a ação volitiva tem origem lá onde ocorre o domínio do próprio comportamento com auxílio de estímulos simbólicos” [4; p. 50].

No trabalho da memória, ao introduzir o nó, a marca no tronco da árvore ou algo mais, a pessoa não mobiliza suas possibilidades naturais, mas organiza a situação externamente e a si mesma por meio da organização das coisas e dos estímulos artificiais. Ela transforma-se em sujeito da ação cultural. Toda sua organização corporal reestrutura-se essencialmente, sua natureza se culturaliza. A necessidade de um esforço natural desaparece e surge a necessidade de reforçar a efetividade da atividade por meio do envolvimento no processo que é, ao mesmo tempo, um meio de autorregulação. O esforço natural transforma-se no ato psicológico e nele floresce. Porém, infelizmente, muitas pessoas continuam utilizando o esforço natural para a realização de diversos tipos de atividades (eivar o tom de voz numa conversa difícil; bater com mais força numa tecla, se o simples toque não provocar o efeito necessário; ficar nervosa antes de uma apresentação, preparando o organismo para luta ou fuga, apesar de não precisar de nenhum dos dois, etc.). Surge o stress, o aumento da tensão que, numa versão crônica, cria um sintoma psicossomático.

Ao organizar o comportamento, a relação⁸ e o pensamento com o auxílio de meios, é importante prestar a atenção ao caráter destes. L. S. Vigotski diferenciava os conceitos cotidianos dos científicos. As crenças transformam-se em avisos do surgimento de doenças da consciência, organizada pelos conceitos cotidianos. Os conceitos científicos são exatamente os meios de orientação no mundo complexo. Eles são mais adequados à complexidade, à contradição, à mutabilidade do mundo. Os sistemas semânticos da consciência, estruturados

⁸ A palavra russa *obschenie* não possui equivalente no português. No dicionário a ela é atribuído o significado de comunicação, no entanto, no campo da psicologia e da educação ela não pode ser reduzida apenas à comunicação. *Obscenié* pressupõe obrigatoriamente a generalização.

sobre os conceitos científicos, não impedem, é claro, os sintomas psicossomáticos. Porém, o caráter desses sintomas, seu papel na dinâmica pessoal é completamente outro quando a consciência da pessoa é científica. Num homem criativo, que reflete sobre si e sobre sua vida em termos científicos, o sintoma torna-se um signo da personalidade e não seu escravizador. Rilke disse: “Se meus diabos me deixarem, temo que meus anjos voem um para cada lado”. Uma personalidade armada de cultura e de ciência consegue ter consciência do sintoma, utilizando a tensão que este produz nos sistemas semânticos para criação e desenvolvimento. Segundo O. Rank, “o neurótico é um artista plástico fracassado”. No final das contas, a contradição vivenciada em situações semânticas é a base da reação estética, segundo L. S. Vigotski. A reação estética acontece não apenas de forma catártica, mas também como elevação; basicamente, preenche de energia a pessoa, “desamarra as forças para a existência”, para usar uma frase de M. M. Bartin. A pessoa com consciência científica tem a possibilidade de brincar com os contextos, resolver conflitos, colocando-os em outro sistema semântico. Uma pessoa assim sempre lembra-se da possibilidade de outro ponto de vista, de outra posição interna que altera, fundamentalmente, as vivências e o estado somático.

Os fenômenos psicossomáticos mostram inequivocamente que a interpretação científica da vida psicológica deve se apoiar na comprovação de que a realidade não se reduz ao jogo impessoal de forças físicas, de processos fisiológicos. “Na abordagem histórico-cultural, o desenvolvimento psíquico está articulado à transformação dos processos elementares ou naturais em superiores, culturais. A diferença fundamental entre a psique elementar e a cultural está no fato de que a primeira simplesmente existe e a segunda é dominada pelo sujeito, ou seja, ele pode controlá-la conscientemente” [5, p.59]. A consciência não é simplesmente o sujeito do conhecimento. Ela se apresenta não apenas como uma categoria gnosiológica, mas também ontológica. A personalidade, que domina a consciência como um sistema superior de funcionamento psicológico, elabora, ao longo da vida, mecanismos reguladores que, em maior ou menor medida, podem ser naturais ou culturais e, em maior ou menor grau, serem saudáveis ou patológicos. A liberdade e a necessidade como características essenciais da situação vital da personalidade fazem com que esta se volte, nesse caso, para o seu principal “órgão funcional”, para o sistema psicológico mais comum: a consciência. Uma personalidade consciente constrói o quadro do mundo, o lugar da pessoa nele, a

imagem de si, os meios de superação das dificuldades. Segundo afirma A. Maslow, o neurótico não está apenas emocionalmente doente, mas se equivoca mentalmente. A consciência é o sistema semântico dinâmico no qual os “práticos de si” possuem um lugar especial, ou seja, a pessoa utiliza a si mesma por completo e o seu corpo como meio. De acordo com isso, o momento decisivo na etiologia do adoecimento psicossomático é a formação de sentido, mais precisamente, a questão sobre o lugar que, no sistema semântico da personalidade, ocupa determinado acontecimento, um fato da vida, as necessidades do organismo. Essa é a questão a respeito de como a pessoa “lida” com a experiência cultural assimilada, incluindo também a experiência de lidar com seu corpo e com as necessidades que lhe são inerentes, isto é, como utiliza seu corpo como meio.

Exatamente por isso, a psicologia histórico-cultural nega, por princípio, o monopólio da análise científico-natural do problema da saúde da pessoa; ela não aceita também a determinação dualista psíquico-corporal, porém defende a necessidade de uma abordagem genético-semiótica (humanística) para sua solução. O homem como ser em que o nível superior de regulação é a consciência apresenta-se como sujeito de sua existência, inclusive, de seu desenvolvimento saudável. L. S. Vigotski destacava: “O que aconteceu na psicologia contemporânea das emoções pode ser melhor expresso pela voz desesperada de um dos heróis do drama de Tchervov – um velho decadente que foi esquecido numa casa abandonada com suas janelas sendo vedadas: ‘Esqueceram a pessoa!’ ” [3, p. 268].

É claro que diferentes funções do organismo e de sistemas corporais são determinados em graus diferentes pela atividade psíquica, principalmente a consciente. Eles se desenvolvem de forma heterogênea e têm graus diferentes de mediação. É necessariamente lógico afirmar que, quanto mais “articulada” ao comportamento for a função do organismo (além do que, esse comportamento é significativo para os outros e o próprio sujeito, ou seja, é pessoal), mais ela é cultural, mais evidente fica que suas manifestações são reguladas pelas normas sociais, mais evidente é o papel da consciência, mais complexa estruturalmente é esta função e maior é o perigo potencial de seu distúrbio ou destruição. As reações respiratórias, alimentares, sexuais, de dor e de um amplo espectro de manifestações motoras são as mais relacionadas ao funcionamento psicológico. O aprofundamento e a escala da influência psicológica sobre as funções corpo-

rais são determinados pelo caráter de coordenação do espectro das atividades, em cuja estrutura está incluída cada função corporal. Então, os processos psicossomáticos são suficientemente reais e objetivos. Contudo, ao se tornarem fato da consciência, passam a se subordinar às leis do subjetivo. Geneticamente, a criança começa a dominar, com o auxílio de meios culturais, inicialmente, o seu comportamento “no mundo” e, nessa medida, começa a dominar suas manifestações corporais, “o comportamento interno” do organismo.

Nesse plano, a ontogênese dos sistemas psicológicos que incluem aspectos do funcionamento somático tem um significado especial. Ou seja, o caráter psicossomático é determinado histórica e socialmente; para uma pessoa concreta ele é desvendado na dinâmica da situação social de desenvolvimento, no espaço semiótico em que se desdobram ou se oprimem as forças vitais do organismo: como a criança foi ensinada a expressar seus sentimentos corporalmente, como resolve o problema de asseio, como assimilou muitas outras regras. O fundamental, nesse caso, é a posição do adulto, o conteúdo e o caráter da relação com a criança, pois o conteúdo e o caráter, por meio da interiorização, transformam-se na morfologia do comportamento e da vivência da criança, em sua autorregulação, em meios de lidar com seu corpo. Eles transformam um corpo natural em um organismo cultural, o corpo em personalidade.

Na dinâmica etária, a corporeidade é cada vez mais “psicologizada”; o comportamento da criança e sua forma de lidar com o próprio corpo caracterizam-se, cada vez mais, pelo indício de domínio. Isso se realiza, inclusive, por ocasião da assimilação do sistema de demarcações corpóreas e, com base nelas, se estruturam a imagem do corpo e os níveis superiores de regulação do comportamento. A articulação entre a experiência das estruturas corporais e emocionais é definida pela construção semântica da autorregulação pessoal, o que cria o risco de somatização das vivências numa situação de crise. Na adolescência, forma-se uma multiplicidade de sistemas isolados de autorregulação que, em algum grau, são patológicos e existiam originalmente como um conjunto da atividade da criança e do adulto.

É exatamente esse postulado da psicologia histórico-cultural sobre a origem da existência das funções psicológicas e de seus sistemas no plano social, no plano da relação mútua entre as pessoas, que é fundamentalmente importante para a organização do trabalho profilático. As relações e as influências mútuas

entre personalidades que vivenciam e carregam significados e sentidos para a vida produtiva da pessoa são a condição-chave para a ajuda psicológica, a psicoterapia, a instrução. Ou melhor, não é uma simples condição, mas a própria essência de ajuda à pessoa em desenvolvimento: a neoformação necessária numa situação crítica surge como enraizamento de relações sociais. O plano interpessoal da ajuda consiste na disposição, com o auxílio do psicólogo, da situação de vida do cliente no processo de diálogo, de tal forma que o interlocutor adquira pontos de apoio para a autorregulação, como fez o doente de Parkinson no exemplo de L. S. Vigotski: além do pedido do médico para ele andar, que provocava imediatamente tensão e tremor, ele avistava diante de si pedaços de papel que eram necessários para seu movimento passo a passo.

Ao falar da psicossomática da criança, é preciso dizer que a experiência insignificante de vida é um solo fértil para o desenvolvimento de formações reativas, de sintomas e muitas outras doenças. Os jovens raramente olham para seu estado psicológico, para suas reações isoladas a acontecimentos, para seus esquemas lógicos e para suas qualidades pessoais como se fossem um objeto de trabalho especial; no lugar de uma atividade para a autotransformação, ao invés da atividade num espaço semântico, eles preferem alterar a situação ou as demais pessoas. Frequentemente, eles não percebem até o mais visível. S. Freud escreveu sobre isso assim: “Se empurramos o problema porta a fora, então, ele entra pela janela como um sintoma”. Os pais de um jovem que sofre de maneira aguda também nem sempre estão prontos a prestar o auxílio necessário, preferindo pronunciar os clichês: “não sofra”, “com o tempo vai passar”, “acalme-se”, “alegre-se”, etc.

Então, a mediação signo-símbolo, que está na base do surgimento das funções psíquicas superiores, da gênese do significado e do sentido, da consciência do ser humano, de sua liberdade, reestrutura os denominados processos e funções naturais e pode fortalecê-las e desenvolvê-las extraordinariamente (do que é capaz o corpo humano, como foi destacado por um clássico, ainda ninguém descobriu), mas também pode reprimir e desorganizar por completo.

Vamos afirmar mais uma vez: a força motriz do desenvolvimento e do comportamento é o afeto. A consciência orienta o desenvolvimento e o comportamento. Ela é o “mapa do caminho”, o modelo comprimido da realidade, não apenas da parte do real, mas do possível. A consciência indica como o mundo

(e a própria pessoa) é e também como poderá ser. A consciência tem limites. É nesse sentido que a pessoa, como disse M. M. Bartin, está sempre na fronteira, é incompleta e inacessível. O limite e o “eterno despreparo da existência” condena a pessoa à vivência. O grau de generalização dos conceitos com os quais opera a pessoa na consciência garante o grau de ruptura com a realidade e a plasticidade do sistema de vivência, o grande potencial de saúde e, ao mesmo tempo, de ameaças a ela. Os conceitos científicos, nesse caso, têm uma vantagem enorme em relação aos cotidianos. No entanto, a consciência garante, primeiramente, o domínio efetivo da realidade e, em segundo lugar, a possibilidade de sua reestruturação. Ou seja, se a consciência está limitada por nada, a pessoa, como se expressou um dos clássicos, transforma-se em nada. Pode-se ser livre apenas em relação a algo. A definição de algum objeto ou fenômeno com a ajuda de alguma palavra torna a pessoa capaz de uma atividade correspondente à palavra em relação ao objeto ou fenômeno. O campo semântico (a posição interna da personalidade, a determinação) surge quando há um julgamento do mundo ou de si.

O papel transformador da consciência, que tem um alto grau de generalização, e a atividade dos afetos da pessoa testemunham a favor do fato de que a vivência, num pensamento conceitual que se forma ao estudar ciência, pode tornar-se lúdica. A vivência lúdica é uma combinação internamente motivada, livre de significados e condicionada à transformação do sentido. A pessoa, numa vivência lúdica, está envolvida e vê possibilidades; seu afeto se multiplica com os meios culturais. A pessoa se liberta e se fortalece como personalidade; realiza-se em alguma esfera de atividade. Ela desamarra as forças para a existência. Tal vivência é o testemunho de atividade vital e de saúde.

Ao contrário, numa doença psíquica, a pessoa não consegue elevar o afeto ao conceito. O afeto transforma-se numa força invisível e obscura e, de imediato, irrompe no ato motor e não consegue modificar a situação. O doente também não consegue se libertar do significado literal da palavra, o que uma pessoa desenvolvida e saudável faz com o pensamento conceitual: joga com diferentes qualidades particulares para “por trás das árvores avistar uma floresta” ou, seguindo sua ideia, construir na consciência uma imagem tal que permita definir o caminho das atividades práticas em forma de algoritmo para atingir o significativo. Para agir livremente num mundo real é preciso desprender-se da situação que está no campo visual, “jogar” com as imagens no espaço semântico, transformar

o afeto em objetivo e, com essa relação novamente criada, realizar o que se deseja. A unidade afeto e intelecto como vivência, um jogo da realidade semântica, complementa-se com um terceiro componente – a ação – formando “a tríplice aliança” do afeto, do intelecto e da ação consciente. Essa tríplice aliança ajuda a pessoa a realizar a “liberdade para” que lhe fornece forças e reforça sua saúde.

Então, ao surgir na realidade, com auxílio do signo, o afeto se transforma numa vivência lúdica (condicionalidade) e, novamente, retorna à realidade em forma de ação prática ou palavra. A vivência lúdica se caracteriza pelo fato de a pessoa ser sujeito que, com interesse, liberdade e criatividade, vivencia o que é dado pela realidade para realizar uma ação livre e atingir o sentido.

Infelizmente, a prática médica tradicional (incluindo a psiquiátrica e a psicoterapêutica), apesar de sua famosa tese de que é preciso tratar o doente e não a doença, na realidade, é organismocêntrica. No entanto, a pessoa não é apenas organismo. O sujeito do tratamento, e mais ainda da profilaxia, não pode ser expulso do processo. A ajuda à pessoa em sofrimento, centrada na pessoa (ou humanocêntrica), assim como o sistema de profilaxia dos sofrimentos, ainda precisa ser criada, apoiando-se não tanto na prática médica, mas na psicológica e pedagógica, que organiza os mundos internos das crianças e dos jovens. Um sistema efetivo dessa profilaxia pode ser criado com base na resolução correta do problema psicossomático que é proposta pela psicologia histórico-cultural. De acordo com as ideias apresentadas, na base do sistema metodológico da profilaxia de adoecimentos psicossomáticos, estão os seguintes postulados:

- a psicologia histórico-cultural percebe uma personalidade saudável em desenvolvimento, livre, capaz de autodomínio; permite posicionar a gênese do adoecimento psicossomático como resultado que impede o desenvolvimento da vivência; o esforço da pessoa para superar a situação complexa, elaborar uma relação construtiva com ela, tudo isso leva a uma neoformação pessoal, ou seja, ao desenvolvimento e, graças à neoformação, a pessoa se liberta e corresponde à afirmação de J. Bugental: “Não curamos doenças, mas libertamos prisioneiros”;

- a vivência depende da organização da consciência, da quantidade e da medida de generalização de conceitos, sua sistematização; tudo isso permite, de certa forma, não apenas refletir a realidade, mas construí-la; a consciência da realidade define o caráter e a singularidade de cada vivência, seu potencial construtivo e vital;

- um momento decisivo na etiologia do adoecimento psicossomático são as formações semânticas, mais precisamente, a questão do lugar que ocupa um determinado acontecimento, um fato da vida, uma necessidade do organismo no sistema semântico da personalidade; é uma questão de como a pessoa domina os fatos ou a situação com o auxílio da experiência que lhe foi acessível, incluindo também a experiência de lidar com seu corpo e de utilizar-se dele como um meio;

- diferentes funções do organismo e sistemas corporais têm distintos graus de mediação e consciência; quanto mais a função do organismo está “amarrada” ao comportamento social, mais complexa, estruturalmente, é essa função, maior o potencial do perigo de um distúrbio ou destruição;

- a vivência da pessoa é internamente contraditória e o sintoma somático surge como um argumento, como resistência aos sentidos e valores autoexcludentes; além disso, os esquematismos patogênicos da vivência, em alguma etapa do desenvolvimento pessoal ou em qualquer sistema semântico específico, não são patogênicos, foram efetivos. Porém, isso deixou de ser assim em outro contexto, em outra etapa do desenvolvimento, quando entrou em conflito com novos sistemas psicológicos, ou seja, o sintoma psicossomático pode ser avaliado do ponto de vista de uma efetividade relativa;

- a abordagem histórico-cultural defende a necessidade de um enfoque genético-semiótico (humanista) para o encaminhamento do problema psicossomático; de forma mais concreta, isso significa que a mediação signo-simbólica, que está na base do surgimento das funções psíquicas superiores, da origem do significado e do sentido, da consciência da pessoa e de sua liberdade, reestrutura as assim denominadas funções e processos naturais, pode fortalecê-los e desenvolvê-los extraordinariamente, mas pode reprimi-los e desorganizá-los por completo;

- com base nas relações dialógicas, a ajuda organizada de especialistas (psicólogos, médicos, pedagogos) aos jovens para a compreensão da dinâmica semântica de sua saúde é capaz de ter um caráter profilático, pois, por meio da interiorização, transforma-se em capacidade do jovem para o autoauxílio e autorregulação, ao criar uma tendência à utilização de “práticas de si” saudáveis.

Todas essas ideias, formuladas no contexto da psicologia histórico-cultural, permitem dizer que o meio psicológico (a palavra e, antes de tudo, o con-

ceito) reestrutura não apenas os processos psíquicos, mas também as vivências da pessoa. Com isso, a palavra, em relação à função particular, apresenta-se da mesma forma como o sujeito em relação a toda diversidade de subjetividade. Ou seja, tanto a palavra, quanto o sujeito são fatores reestruturantes, que transformam o que é natural em cultural. O sujeito transforma a cacofonia das reações emocionais em sinfonia de vivências com um tema e uma melodia próprios. A sinfonia das vivências (a subjetividade) tem um compositor (o sujeito). A autoria da vida e das vivências é a característica de uma personalidade livre, que percorre autônoma e conscientemente, com um esforço substancial, seu caminho de vida.

O ser vivo que se autodesenvolve na cultura e com os meios da cultura é um fenômeno – eis a imagem da pessoa criada pela psicologia histórico-cultural. O problema psicossomático, exatamente nessa teoria, é solucionado com uma base realmente científica e tem, de acordo com isso, amplas possibilidades de utilização prática. Toda a prática de instrução e de ajuda psicológica obtém evidência em vista da ideia de desenvolvimento de neoformações saudáveis na relação aluno e pedagogo, psicólogo e cliente, médico e paciente.

Os textos de L. S. Vigotski são sempre vivos e profundos. Por serem cientificamente profundos, podemos encontrar neles possibilidades de desenvolvimento da própria vida. Esse conhecimento científico desescraviza as forças do desenvolvimento da origem vital do ser humano. A vida tende à expansão. A psicologia histórico-cultural cria a possibilidade, fornece meios para a expansão das vivências que são o coração da vida psicológica. Com o seu auxílio, o ser humano é capaz de se desenvolver, adquirindo a liberdade e multiplicando a vida.

O sonho do Novo Homem de Vigotski mostra-se um convite para cada um de nós em direção ao mundo da ciência e da cultura, ao mundo de desenvolvimento da vida.

Referências bibliográficas

1. Zaverchneva, E. Iu. Para as publicações das anotações de L. S. Vigotski // Metodologia e história da psicologia. 2007. T. 2. Vip. 4. P. 15-24 (em russo).
2. Vigotski, L. S. O sentido histórico da crise na psicologia // Sobr. sotch. V 6 t. – M.: Pedagoguika, 1982. T. 1. P. 291- 436 (em russo).

3. Vigotski, L. S. Estudo das emoções // *Sobr. soch.:* V 6 t. – M.: Pedagogika, 1984. T. 6. P. 91-318 (em russo).
4. Vigotski, L. S. O instrumento e o signo no desenvolvimento da criança // *Sobr. soch.:* V 6 t. – M.: Pedagogika, 1984. T. 6. P. 5-90 (em russo).
5. Kravtsov, G. G. O desenvolvimento da psique e da personalidade na abordagem histórico-cultural // L. S. Vigotski e a psicologia histórico-cultural contemporânea: problemas de desenvolvimento da personalidade no mundo em mudança. IV Conferência Científica Internacional “L. S. Vigotski e a psicologia histórico-cultural contemporânea: problemas de desenvolvimento da personalidade no mundo em mudança”, 28-29 de outubro de 2010.: v 2 tch. Tch. 1 [material] / S. N. Jerebtsov (otv. red.) [i dr.]. – Gomel: GGU im.F. Skorini, 2010. – S. 58-63 (em russo).

РЕПОЗИТОРИЙ БГПУ